

A ambição de Macron por uma “Europa potente”

Recente discurso do presidente francês ilustra os enormes desafios também para outras partes do mundo

Por Assis Moreira

É correspondente do Valor em Genebra desde 2005. Cobriu 28 vezes o Fórum Mundial de Economia e numerosas conferências ministeriais em dezenas de países.

Valor, 09/05/2024

O presidente da França, Emmanuel Macron, fez recentemente um discurso de quase duas horas detalhando sua visão sobre o futuro da Europa, antecedendo a eleição de junho para o Parlamento Europeu, que ilustra os enormes desafios também para outras partes do mundo.

A aceleração de grandes transformações está acontecendo agora, e Macron faz três constatações: na frente geopolítica e de segurança, a Europa deve enfrentar o rearmamento generalizado do mundo; na frente econômica, o modelo europeu corre o risco de estagnar diante da concorrência global; e cultural e intelectualmente, o modelo democrático, humanista e liberal está sendo cada vez mais questionado com a subida do populismo.

Nesse contexto, o presidente francês descreve a Europa “cercada” de riscos. E, para evitar empobrecimento e irrelevância estratégica do velho continente, ele defende um conceito de “Europa potente” em termos militares, econômicos e democráticos.

Com o mundo em momento de virada decisiva, Macron diz que a Europa não pode mais depender dos Estados Unidos para sua segurança, da Rússia para energia e fertilizantes nem terceirizar sua produção para a China. Vê os Estados Unidos com duas prioridades: primeiro, os próprios Estados Unidos, e depois a questão chinesa. Constata que a questão europeia não é uma prioridade geopolítica para americanos nos próximos anos e décadas, independentemente da força da aliança bilateral e da sorte de ter um governo em Washington muito comprometido com o conflito ucraniano.

Com a questão da paz e da guerra no continente europeu, e da capacidade de garantir sua segurança, ou não, colocada em jogo hoje, Macron defende uma “Europa potente”, com um sistema de defesa credível.

Também avalia que o modelo econômico europeu não é mais sustentável, porque os europeus querem ter tudo, mas isso não é mais possível. E na concorrência brutal entre China e Estados Unidos pelas tecnologias do futuro, o risco é que a Europa fique para trás.

Macron diz já estar começando a ver isso: o Produto Interno Bruto per capita nos Estados Unidos aumentou quase 60% entre 1993 e 2022, enquanto o da Europa cresceu menos de 30%. Isso ocorreu mesmo antes de os Estados Unidos aprovarem a Lei de Redução da Inflação, uma política maciça para atrair indústrias e subsidiar todos os setores e tecnologias verdes.

Estima que o desafio da Europa é de avançar muito mais rápido e revisar seu modelo de crescimento, porque, como ele nota, aqui também as regras do jogo mudaram, com os Estados Unidos e a China subvencionando maciçamente suas economias. As duas principais potências internacionais decidiram parar de respeitar as regras do comércio, constata Macron.

Para ele, a questão de onde estarão as tecnologias verdes, a inteligência artificial e as capacidades de computação será decidida nos próximos cinco ou dez anos, mais provavelmente em cinco. E defende que o bloco europeu construa um “pacto de prosperidade” para aumentar a produção industrial, garantir o poder de compra dos europeus e assegurar sua soberania.

Para isso, a primeira condição é a Europa produzir mais e de forma mais ecológica, e reindustrializar com baixo teor de carbono. Em segunda lugar, reduzir a fragmentação de suas regras em setores importantes e reduzir os custos das transações.

A terceira condição é acelerar a política industrial, termo que, como ele mesmo diz, era um palavrão alguns anos atrás. Passa por consolidar setores estratégicos: matérias-primas estratégicas, semicondutores, tecnologia digital, saúde. Insiste que a Europa precisa decidir agora tornar-se um líder mundial, até 2030, em cinco dos setores mais emergentes e estratégicos. A Europa tem 3% da capacidade de computação do mundo, e o objetivo é chegar a pelo menos 20% se quiser ser participante confiável, por exemplo.

Para “dar visibilidade aos nossos fabricantes”, ou seja, subsidiar fortemente, a necessidade de investimento suplementar é estimada entre € 600 bilhões e € 1 trilhão por ano, durante dez anos. Uma mobilização de capitais privados ajuda, por exemplo corrigindo o que Macron chama de “falha”: poupanças no valor de € 300 bilhões por ano vão para financiar os americanos, em títulos do Tesouro ou em risco de capital. Isso é uma aberração, diz ele.

Em apenas alguns anos, tudo mudou, nota Macron. As matérias-primas, os materiais essenciais e a energia são limitados, exemplifica. Entre os setores estratégicos, ele destaca mais dois: energia e agricultura. Em energia, defende um misto de energias renováveis e de nuclear. Em agricultura, defende a soberania alimentar, que diz não significar “fechamento”, mas é isso mesmo. Mas “quem seria tolo o suficiente para delegar [a produção de] seus alimentos” a outros países, indaga Macron.

Acha que a Europa não pode, de forma sustentável, ter padrões ambientais e sociais mais exigentes e uma política comercial “mais ingênua” do que os concorrentes e pensar que continuará a criar empregos. Isso simplesmente não funciona mais, acha ele.

Defende também que a política monetária, que procura manter a inflação em torno de 2% ao ano, deve ter um objetivo adicional de crescimento e mesmo de descarbonização da economia. Também defende que a política fiscal seja revitalizada, insistindo que “é de subvenções que nós precisamos”.

A influência francesa perdeu espaço na cena europeia, mas a avaliação de Macron tem evidente impacto - e bem além da Europa.

Assis Moreira é correspondente em Genebra e escreve quinzenalmente
E-mail: assis.moreira@valor.com.br